

**EUGENIO COSERIU:
A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA
DO TEXTO HUMORÍSTICO LONGO¹⁸**

Helio de Sant'Anna dos Santos¹⁹

Eugenio Coseriu apresenta os princípios gerais do pensamento como inerentes a uma competência linguística geral, que transcende as línguas particulares, e refere-se a um falar em geral, um saber linguístico pressuposto por todas as línguas e que pode ser anulado intencionalmente nos textos. Coseriu assim define tal saber:

1. É um saber que nos permite aceitar algo como coerente ou recusá-lo como incoerente.
2. É um saber que nos permite interpretar o dito.
3. É um saber que se pressupõe também no caso de uma interpretação com sentido de absurdo, quando este de fato se disse intencionalmente. (COSERIU, 1992, p. 113)

Ele afirma que quando, à primeira vista, a expressão não é coerente, busca-se a coerência, postulando o que chama de princípio da confiança; apenas num segundo momento, a partir da situação em que não se configurou realmente a interpretação do sentido, é que se retira a confiança.

¹⁸ Artigo redigido com base na tese em andamento, intitulada Uma abordagem coseriana da construção discursiva do humor em Comédias da Vida Privada – Edição especial para escolas, de Veríssimo, sob orientação da Professora Doutora Terezinha Maria da Fonseca Passos Bitencourt.

¹⁹ Doutorando na UFF; professor substituto na FFP-UERJ. helioprofessor@bol.com.br e heliodesantanna@gmail.com

Talvez possamos associar tais considerações à interpretação de textos de humor: quando o transmitido não corresponde a aparente sentido, o ouvinte busca alternativas para confirmar alguma coerência. Em um de seus exemplos, Coseriu (1992, p. 112) estabelece relação entre a falta de coerência intencional com uma espécie de brincadeira, piada. De fato, acreditamos que o humor possa ser explicado em muitas de suas ocorrências pelo reconhecimento dos princípios gerais do pensamento, dentre eles o princípio da confiança, que reforça a relação de cumplicidade estabelecida na linguagem entre falante e ouvinte, já que os textos de humor pressupõem a interação entre os interlocutores para que os seus propósitos sejam alcançados.

Carvalho (1967, p. 359-362), ao analisar aspectos da interpretação do ato de fala, ressalta o caráter “nunca puramente linguístico” do ato comunicativo, reiterando o papel do que se conhece sobre o locutor, sobre atos comunicativos anteriores e sobre a realidade extralinguística, dentre outros elementos da realidade circundante, para a interpretação. Para exemplificar a sua tese, ele descreve uma situação em que um cartão com a sequência gráfica “Vende-se” acabe parando sob os nossos pés. A sequência certamente significa algo, entretanto não há dúvida de que ganharia “significação concreta e inequívoca” se a víssemos colada na porta de um prédio. Em outro exemplo, cita a frase “Aqui tens o teu.”, a qual poderia ter muitas significações, dependendo de outros elementos extralinguísticos, no caso o autor menciona a possibilidade de um amigo “à saída de um cinema” oferecendo um guarda-chuva.

A esses elementos Carvalho (1967, p. 362) chama de *contextos*²⁰ ou *correlatos situacionais*, distinguindo-os em cinco: a *situação*, o *contexto idiomático*, o *contexto verbal*, o *contexto extraverbal* e o *universo de discurso* (grifos do autor) e atribuindo valor de natureza linguística ao contexto idiomático e ao contexto verbal. Coseriu (1979, p. 215), levando em conta o fato de o falar ser mais amplo

²⁰ Carvalho(1967, p. 362) explica em nota a substituição do termo *entorno*, adotado até então conforme preceito de Coseriu (1979, p. 229), alegando que, apesar da ambiguidade da palavra *contexto*, o neologismo *entorno*, em português, em vez de ser entendido como ligado à locução em torno (o que está em torno de algo), muitas vezes se entende como o verbo entornar, significação que se afasta da relação com o ato de fala.

que a língua e, portanto, utilizar circunstâncias próprias – “enquanto a língua é circunstancial” – e atividades não verbais complementares, insere na “técnica geral do falar” o que chama de determinação – em se tratando de assegurar simplesmente o emprego da língua – e entornos – “instrumentos circunstanciais da atividade linguística”. Propõe-se a tratar do aspecto nominal do problema da determinação e da ampliação do registro de entornos, esclarecendo alguns e evitando equívocos comuns. Os cinco elementos enumerados por Carvalho correspondem ao que Coseriu designa como “uma série ampla de entornos”, agrupados por ele em quatro tipos: situação, região, contexto e universo de discurso.

Por mais que saibamos que outros aspectos associados à determinação e aos entornos sejam de extrema importância para a interpretação de qualquer texto, trataremos em nossa análise especificamente das circunstâncias relacionadas com o universo de discurso e sua relação com a construção de textos humorísticos, em função dos objetivos deste artigo.

Coseriu (2007, p. 136), com o intuito de respaldar a autonomia do texto, refere-se aos universos de discurso como um de seus argumentos, alegando que as diferenças entre eles interferem diretamente não na língua, mas nos textos. Importa enfatizar que ele compreende universo de discurso como “o sistema universal de significações a que pertence o discurso (ou um enunciado) e que determina sua validade e seu sentido” (1979, p. 234). Coseriu (2007, p. 136), em nota, menciona que tal conceito foi elaborado por ele no artigo *Determinação e entorno: dois problemas duma linguística do falar*, publicado em espanhol, em 1957, no periódico alemão *Romanistisches Jahrbuch*,²¹. O conceito fora introduzido na lógica por George Boole²² para dar conta das condições de verdade dos discursos que operam com asserções, mas que não pertencem ao campo da ciência (em particular, dos discursos relativos a mundos imaginários), e adotado na filosofia da linguagem, por exemplo, pelo filósofo americano (fenomenólogo) Wilbur Marshall Urban (1939, p. 160-162).

²¹ *Romanistisches Jahrbuch* (Berlim), 7, 1955-1956, §§ 3.5.1 e 3.5.2.

²² *An Investigation of the Laws of Thought on which are Founded the Mathematical Theories of Logic and Probabilities*, New York, Dover, 1854, cap. III, § 4 e seguintes.

A definição de universo de discurso está associada especificamente a sistema de significações, conforme exemplos enumerados pelo autor: afirmações sobre a viagem de Ulisses ou de Cristóvão Colombo têm sentidos totalmente diferentes, apenas podendo ser comprovadas no interior de cada universo de discurso. Assim acontece com a ficção literária: suposições fundamentadas na *Ilíada* não podem ter comprovação na realidade histórica ou empírica, senão na realidade que a própria obra constitui. Coseriu (2007, p. 228) concebe os universos de discurso como “universos de conhecimento” correspondentes aos modos fundamentais do conhecer humano, não se tratando de “mera expressão linguística”, e sim de “universos em que a linguagem se apresenta cada vez como manifestação de um modo autônomo do conhecer”, o que ele relaciona com “concepções de mundo”.

De acordo com a concepção de Coseriu, o humor – tema de nosso artigo – “baseia-se amiúde na confusão intencional de universos de discurso, no mesmo enunciado” (1979, p. 234), citando como exemplos as seguintes construções: “**no bosque dois jovens matemáticos extraíam as raízes quadradas das árvores**” e “**pela janela vejo um homem que está descendendo do macaco**”, dos quais, em cada caso, depreendem-se dois universos de discursos distintos.

No primeiro exemplo, é possível identificar um universo de discurso que compreende o mundo natural, universo empírico, sistema de significações que garante a validade da associação entre os termos “bosque”, “árvore” e “raízes”. Um outro universo sobreposto àquele compreenderia os elementos que justificariam a relação entre os termos “jovens matemáticos” e “extrair raiz quadrada”, pertencentes ao universo das ciências da matemática. A construção do humor consistiria em sobrepor os dois universos distintos, resultando em imagem surpreendente, absurda, quebrando a expectativa do interlocutor, visto que, diante dos signos linguísticos atualizados, ele poderia esperar que o discurso tratasse de extrair raízes de árvores num bosque ou da operação matemática de extração de raízes quadradas, não algo que contrariasse o senso comum. Vale ressaltar, porém, que, num segundo momento, considerando o que conhecemos especialmente sobre o princípio da confiança, o leitor provavelmente já teria percebido a manifestação da intenção humorística, atribuindo ao discurso valor diferente do sentido usual, essencialmente informa-

tivo, saber sem o qual dificilmente poderia alcançar o efeito cômico certamente pretendido pelo autor, diante das circunstâncias apresentadas.

Quanto ao segundo exemplo, coexistem dois sistemas de significações: em um cria-se situação corriqueira em que alguém pratica o ato – “vejo um homem” – a partir de um determinado ponto – “pela janela”. A atitude do homem observado poderia ser comum, típica do mundo real, objetivo, se estivéssemos falando em “observando”, “alimentando” ou algo semelhante. De forma inusitada, entretanto, insere-se no enunciado o processo “descendendo”, ação que não assume valor durativo, como representa o emprego de verbos no gerúndio. Um ser não está ou esteve ou estará descendendo de outro. Descender corresponde a processo pontual, não sendo possível empregá-lo como no enunciado.

Assim, no enunciado em questão, o segundo universo de discurso envolve a asserção de caráter científico, parte inerente da teoria da evolução, que trata da descendência do homem em relação ao macaco, com uma ação comum de observação, como se houvesse referência a um fato corriqueiro, comumente observável.

Entendemos que a “confusão intencional de universos de discurso” no mesmo enunciado ou discurso deverá explicar, pelo menos em parte, a construção do humor nas comédias de Verissimo e, ainda que não comprovemos propriamente tal hipótese com a análise de somente um texto, procuraremos apontar neste artigo alguns indícios de que a proposta tem validade científica.

1. Uma abordagem coseriana do texto humorístico

O texto de humor é marcado frequentemente pela oposição, pela ocorrência do inusitado, como deveremos verificar na construção da comédia de Verissimo, transcrita de *Comédias da Vida Privada – Edição Especial para Escolas* (1999). O livro despertou nossa atenção em função principalmente do efeito positivo causado nos alunos durante experiências em aulas ministradas no ensino básico e por seu propósito de representar uma “edição especial para escolas”, conforme os editores, “destinado ao público estudantil das escolas e universidades”.

Analisaremos um dos textos do livro, em específico *Lar desfeito* (VERISSIMO, 1999, p. 34-37), com o objetivo de submetê-lo à hipótese coseriana de que o humor está fundamentado na confusão intencional de universos de discurso, avaliando a possibilidade de que a proposta possa ser aplicada não só a enunciados ou piadas, mas a textos longos, como os que integram *Comédias da Vida Privada*. No texto abaixo, estarão em itálico as palavras, expressões, orações e frases que sinalizam mais explicitamente as oposições.

Texto:

LAR DESFEITO (p. 34-37)

José e Maria estavam casados há 20 anos e eram muito felizes um com o outro. *Tão felizes que um dia, na mesa, a filha mais velha reclamou:*

– *Vocês nunca brigaram?*

José e Maria se entreolharam. José respondeu:

– *Não, minha filha. Sua mãe e eu não brigamos.*

– *Nunca brigaram?– quis saber Vitor, o filho do meio.*

– *Claro que já brigamos. Mas sempre fizemos as pazes.*

– *Na verdade, brigas, mesmo, nunca tivemos. Desentendimentos, como todo mundo. Mas sempre nos demos muito bem...*

– *Coisa mais chata – disse Venancinho, o menor.*

Vera, a filha mais velha, tinha uma amiga, Nora, que a deixava fascinada com suas histórias de casa. Os pais de Nora viviam brigando. Era um drama. Nora contava tudo para Vera. Às vezes chorava. Vera consolava a amiga. Mas no fundo tinha uma certa inveja. Nora era infeliz. Devia ser bacana ser infeliz assim. O sonho de Vera era ter um problema em casa para poder ser revoltada como Nora. Ter olheiras como Nora.

Vitor, o filho do meio, frequentava muito a casa de Sérgio, seu melhor amigo. Os pais de Sérgio estavam separados. O pai de Sérgio tinha um certo dia para sair com ele. Domingo. Iam ao parque de diversões, ao cinema, ao futebol. O pai de Sérgio namorava uma moça do teatro. E a mãe de Sérgio recebia visitas de um senhor muito camarada que sempre trazia presentes para Sérgio. O sonho de Vitor era ser irmão de Sérgio.

Venancinho, o filho menor, também tinha amigos com problemas em casa. A mãe de Haroldo, por exemplo, tinha se divorciado do pai do Haroldo e casado com um cara divorciado. O padrasto de Haroldo tinha uma filha de 11 anos que podia tocar o Danúbio Azul espremendo uma mão na axila, o que deixava a mãe do Haroldo louca. A mãe do Haroldo gritava muito com o marido.

Bacana

– *Eu não aguento mais esta situação* – disse Vera, na mesa, dramática.

– *Que situação, minha filha?*

– *Essa felicidade de vocês!*

– *Vocês pelo menos deviam ter o cuidado de não fazer isso na nossa frente* – disse Vitor.

– *Mas nós não fazemos nada!*

– *Exatamente.*

Venancinho batia com o talher na mesa e reivindicava:

– *Briga. Briga. Briga.*

José e Maria concordavam que aquilo não podia continuar. Precisavam pensar nas crianças. Antes de mais nada, nas crianças. Manteriam uma fachada de desacordo, ódio e desconfiança na frente deles, para esconder a harmonia. Não seria fácil. Inventariam coisas. Trocariam acusações fictícias e insultos.

Tudo para não traumatizar os filhos.

– *Víbora não!* – gritou Maria, começando a erguer-se do seu lugar na mesa com a faca serrilhada na mão.

José também ergueu-se e empunhou a cadeira.

– *Víbora, sim! Vem que eu te arrebento.*

Maria avançou. Vera agarrou-se ao seu braço.

– *Mamãe. Não!*

Vitor segurou o pai. Venancinho, que estava de boca aberta e de olhos arregalados desde o começo da discussão – A pior até então – achou melhor pular da cadeira e procurar um canto neutro na sala de jantar.

Depois daquela cena, nada mais havia a fazer. O casal teria que se separar. Os advogados cuidariam de tudo. Eles não podiam mais nem se enxergar.

Agora era Nora que consolava Vera. Os pais eram assim mesmo. Só tinham experiência. A família era uma instituição podre. Sozinha, na frente do espelho, Vera imitava a boca de desdém de Nora.

– Podre. Tudo podre.

E esfregava os olhos, para que ficassem vermelhos. Ainda não tinha olheiras, mas elas viriam com o tempo. *Ela seria amarga e agressiva. A pálida filha de um lar desfeito. Um pouco de pó de arroz talvez ajudasse.*

Vitor e Venancinho saíam aos domingos com o pai. Uma vez foram ao Maracanã junto com Sérgio, o pai do Sérgio e a namorada do pai do Sérgio, a moça do teatro. O pai de Sérgio perguntou se José não gostaria de conhecer uma amiga da sua namorada. Assim poderiam fazer mais programas juntos. José disse que achava que não. Precisava de tempo para se acostumar com sua nova situação. Sabe como é.

Maria não tinha namorado. Mas no mínimo duas vezes por semana desaparecia de casa, depois voltava menos nervosa. *Os filhos tinham certeza de que ela ia se encontrar com um homem.*

– Eles desconfiam de alguma coisa? – perguntou José

– Acho que não – respondeu Maria

Estavam os dois no motel onde se encontravam, no mínimo duas vezes por semana, escondidos.

– Será que fizemos certo?

– Acho que sim. As crianças agora não se sentem mais deslocadas no meio dos amigos. Fizemos o que tinha que ser feito.

– Será que algum dia vamos poder viver juntos outra vez?

– *Quando as crianças saírem de casa. Aí então estaremos livres das convenções sociais. Não precisaremos mais manter as aparências. Me beija.*

O leitor, com base nas operações cognitivas que antecedem a leitura propriamente dita, já partirá do pressuposto de que estará diante de um texto humorístico: se está diante do livro, o título corresponde a indício suficiente da proposta de humor, assim como o conhecimento do autor, exímio humorista, ainda que tais conhecimentos não sejam indispensáveis para a interpretação do texto.

Com a leitura do título e da apresentação da narrativa (linhas 1 a 10), há um estranhamento: o título *Lar desfeito*, segundo o senso comum, sugere a existência de problemas de família, fim de casa-

mento ou algo semelhante. Lendo tal trecho, o leitor é levado a refletir sobre oposições intrigantes, as quais o orientam para a percepção de dois universos de discurso sobrepostos: um que abrange o sistema de significações pertinentes à representação do mundo real, no qual se espera que o ideal de família feliz corresponda à harmonia entre os seus membros; e outro em que se entende o ideal de família como aquele em que há desarmonia, agressões, dificuldades nos relacionamentos, dentre outros problemas normalmente indesejáveis. Certamente são mundos bem diferentes, cada um deles com a sua lógica específica.

Integram o universo de discurso do mundo concreto, real, o casal e suas concepções, respaldando as atitudes de respeito, amor e preocupação com os filhos, sistema de significações associado à busca no mundo real pela felicidade, dentro de padrões de perspectivas tradicionais. Ao universo de discurso do mundo alternativo pertencem os filhos, que demonstram concepções fundamentadas num sistema em que as regras são outras, bem diferentes da expectativa mais comum no mundo considerado sério.

É preciso enfatizar, conforme afirma Coseriu, que não se está questionando o fato de que, em verdade, há apenas um mundo: “Não se trata de outros ‘universos’, de outros ‘mundos de coisas’, mas de outros ‘universos de discurso’, de outros *sistemas de significações*” (1979, p. 234). Ele analisa que a própria pretensão de conceber a realidade da mitologia sob a ótica do mundo empírico e histórico é um argumento a favor da existência de “universos de discurso”. Segundo Coseriu (1979, p. 235), “os enunciados pertencentes a universos de discurso não empíricos não carecem de sentido e não necessitam de ‘tradução’ alguma”, como propunham os lógicos positivistas. O valor de verdade de uma afirmação está circunscrito ao universo de discurso de que é parte.

Assim, o que de início pode parecer absurdo – a insatisfação dos filhos com a felicidade dos pais – ganha sentido quando situamos o texto num universo de discurso específico, caracterizado muitas vezes por aspectos que subvertem a lógica do mundo empírico.

O fato de Vera, a filha mais velha, Vítor, o filho do meio, e Venancinho, o filho menor, invejarem amigos que têm problemas em casa é perfeitamente justificável quando se pensa o mundo a partir de

determinado ângulo: Vera inveja a amiga que tem olheiras, que vive um grande drama e está sempre revoltada; Vítor e Venancinho sonhavam com as vidas de Sérgio e Haroldo, cujos pais se separaram e precisavam dividir formalmente o tempo de atenção aos filhos, tendo vidas muito mais emocionantes que as deles, com a felicidade constante.

A situação na família chega a um nível em que, para o bem da família e para que os filhos não se sentissem deslocados ou constrangidos, traumatizados, os pais forjaram discussões, brigas, de modo que acabaram se separando. A partir desse momento, Vera era consolada por Nora, a amiga antes invejada: “ainda não tinha olheiras, mas elas viriam com o tempo”, em breve seria “a pálida filha de um lar desfeito”. Os meninos saíam com o pai aos domingos, assim como os amigos Sérgio e Haroldo.

O texto deixa entender que o pai e a mãe já estavam conhecendo outras pessoas, até que o narrador nos leva à cena dos dois se encontrando às escondidas num motel, como se fossem amantes. Iriam se encontrar longe dos filhos até que eles crescessem e saíssem de casa, acabando com a necessidade de manterem as aparências. Entendemos que a referência à separação como manutenção das aparências é mais um traço de que o texto é regido por leis bem específicas, comuns a um universo de discurso diferente do mundo real e perfeitamente aceitável como tal.

No que se refere especificamente à construção do humor, podemos considerar que ele se dá principalmente pela sobreposição e oposição de universos de discurso, já que, como se viu, no mesmo texto, são atualizados signos que encaminham o leitor para o mundo empírico e histórico, em que normalmente se busca a relação harmônica, e para outro mundo em que alguém partilha de relação familiar feliz e anseia pelo sofrimento.

De certa forma, é o que ocorre quando se reúnem as propostas de “extrair raízes quadradas” e “extrair raízes de árvores no bosque” ou “pela janela ver um homem fazendo algo” e “homem descender do macaco”, em que, como vimos, com o sentido de atingir o humor, criam-se situações nas quais universos de discurso diferentes integram o mesmo enunciado. As três realidades em questão apenas se explicam em função de estarem inseridas num sistema de significa-

ções próprio, o qual permite que se forje determinada realidade inaceitável ou pelo menos questionável no mundo empírico, válida, entretanto, para o universo de discurso em que se insere o texto humorístico.

2. Considerações finais

Ainda que não tenhamos a pretensão de comprovar de maneira mais precisa a confusão intencional de universos de discurso como estratégia de construção de textos de humor, julgamos bastante pertinente a hipótese levantada, inclusive em se tratando de textos longos, como a comédia analisada neste trabalho.

A reflexão sobre como se dá a construção de textos humorísticos, com base nos estudos de Coseriu, levou-nos mais especificamente à hipótese de que o humorismo esteja fundamentado na “confusão intencional de universos de discurso”. Como parte da fundamentação teórica de tal hipótese, pesquisamos os princípios gerais do pensamento, de acordo com Coseriu, competência linguística geral associada por ele a um saber que, de maneira geral, “nos permite aceitar algo como coerente ou recusá-lo como incoerente” (1992, p. 113). Coseriu menciona o princípio da confiança, segundo o qual busca-se a coerência, de modo que, quando ela não é explícita num primeiro momento, o ouvinte/leitor ainda a persegue, acreditando num sentido para o que se disse ou se escreveu.

Num texto de humor, o princípio da confiança é muito significativo, já que muitas vezes uma primeira leitura de um texto humorístico não faz sentido, exigindo que o ouvinte/leitor faça a releitura sob um outro prisma, por vezes atribuindo outro sentido a elementos pertencentes não só ao plano linguístico propriamente dito como ao não linguístico. Tais elementos têm bastante relevância na construção do sentido para Coseriu, que os reúne sob a designação de determinação e entornos, dos quais destacamos o estudo dos universos de discurso, cuja confusão intencional ele considera frequente fundamento para o humorismo.

Os universos de discurso correspondem a sistemas de significações, a certas concepções de mundo. Uma verdade apenas tem valor dentro do universo em que se enquadra. O fato de Ulisses ser ma-

rido de Penélope só é verdadeiro na Odisseia, não na história grega, conforme exemplifica Coseriu (1979, p. 235). Com base em tal raciocínio e nos enunciados citados por Coseriu para ilustrar a confusão intencional de universos de discurso como condição para o humor, procuramos desenvolver a análise do texto *Lar desfeito*, de Veríssimo (1999, p. 34-37), com o objetivo de comprovar a hipótese inicial.

De fato, o texto remete-nos a dois universos de discurso. De um lado, o universo de discurso que nos aproxima do mundo real, em que se busca a harmonia, a felicidade na família; de outro, o universo de discurso que nos apresenta como ideal a família em desarmonia, em conflito, o que leva a um desfecho surpreendente: o pai e a mãe, depois de forjarem a separação, encontram-se, às escondidas, num motel, para manter a aparência de que estão em conflito, separados e preocupados em não ficarem juntos para não constranger ou traumatizar os filhos.

A forma como se atingiu o humor no texto e a relação com a tese coseriana sobre o humorismo nos permitem concluir que a sobreposição e a oposição de universos de discurso podem representar importante estratégia discursiva de construção de textos humorísticos, o que certamente se deverá confirmar na análise de outros textos, tarefa para outra ocasião.

Cabe ressaltar que, sob o ponto de vista acadêmico, esperamos que esta breve análise seja relevante, dentre outros aspectos, em função do número reduzido de pesquisas voltadas para a construção linguística do humor nas universidades, em especial em textos longos, e da importância de trabalhos que tenham como base teórica a linguística coseriana, ainda pouco divulgada. Quanto à relevância para o ensino, principalmente o ensino de língua materna, destacamos que a proposta de compreender o funcionamento discursivo de textos humorísticos com base teórica consistente poderá estimular o trabalho sistemático e bem fundamentado com o texto, contribuindo para o desenvolvimento da competência linguística do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, José G. Herculano de. *Teoria da linguagem*. Tomo I. Coimbra: Almedina, 1967.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1979.

_____. *Competencia lingüística: elementos de la teoria del hablar*. Madrid: Gredos, 1992.

_____. *Lingüística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2007.

_____. *Seleção de crônicas do livro Comédias da Vida Privada – Edição especial para escolas*. Porto Alegre: LPM, 1999.

URBAN, Wilbur Marshall. *Language and Reality*. Londres: Allen & Unwin, 1939.